

## CRÍTICA DE HEGEL (DAS ANOTAÇÕES DE ENGELS)<sup>409</sup>

Friedrich Schelling (dezembro de 1841).

A filosofia da identidade, como a defini, era apenas um aspecto de toda a filosofia, a saber, o aspecto negativo. Esse "negativo" deveria ser satisfeito com a apresentação do "positivo" ou, absorvendo o conteúdo positivo das filosofias anteriores, para se apresentar como "positivo" e, portanto, para se estabelecer como filosofia absoluta. Sobre o destino do homem também preside uma razão que o faz persistir em unilateralidade até esgotar todas as suas possibilidades. Assim, foi Hegel quem estabeleceu a filosofia negativa como filosofia absoluta. Eu menciono o nome do senhor Hegel pela primeira vez.

Assim como me expressei livremente sobre Kant e Fichte, que eram meus professores, também farei de Hegel, embora não me agrada fazê-lo. Mas farei isso por causa da franqueza que prometi a vocês, senhores. Não deve parecer que tenho algo a temer, como se houvesse pontos em que eu não pudesse falar livremente.

Lembro-me da época em que Hegel era meu ouvinte, meu companheiro de vida, e devo dizer que, embora em geral a compreensão da filosofia da identidade fosse superficial e superficial, ele foi quem salvou seu pensamento fundamental para o tempo futuro e reconheceu constantemente ao último, como seu "Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie" (Lições sobre a Filosofia da História, Hegel) acima de tudo provou para mim.

Tendo encontrado o grande material já dominado, ele se preocupou principalmente com o método, enquanto o resto de nós preferiu concentrar-se no material. Eu mesmo, não satisfeito com os resultados negativos alcançados, teria prontamente aceitado qualquer conclusão satisfatória, mesmo da mão de um estranho.

Incidentemente, a questão aqui é se a posição de Hegel na história da filosofia, a posição que deve ser atribuída a ele entre os grandes pensadores, é precisamente que ele tentou elevar a filosofia da identidade ao absoluto, a filosofia final, uma coisa que

---

<sup>409</sup> Tradução de Carlos Eduardo N. Facirolli, aluno de Pós-graduação em Filosofia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Contida em Engels' Notes, Volume 2, Marx-Engels Collected Works, p.181, e disponível em: <https://www.marxists.org/reference/subject/philosophy/works/ge/schelli2.htm>

poderia ser feita, é claro, somente com mudanças significativas; e isso eu pretendo provar a partir de seus próprios escritos, que estão abertos a todo o mundo. Se disséssemos que é precisamente com isso que Hegel deve ser censurado, eu responderia que Hegel fez o que estava mais próximo dele.

A filosofia da identidade tinha que lutar consigo mesma, para transcender a si mesma, desde que a ciência do "positivo", que também cobre a existência, ainda não estivesse lá. Assim, nesse esforço, Hegel teve de elevar à filosofia da identidade acima de sua limitação, o poder do ser, a pura capacidade de ser e de sujeitar a existência a ela.

Hegel, que com Schelling ascendeu ao reconhecimento do absoluto, divergiu dele na medida em que desejava que o absoluto fosse concebido, não como pressuposto na percepção intelectual, mas como descoberto pelo método científico. Estas palavras formam o texto sobre o qual falarei agora a vocês. Na base da passagem acima está a visão de que a filosofia da identidade tem como resultado o absoluto não apenas na substância, mas na existência; como o ponto de partida da filosofia da identidade é a indiferença do sujeito e do objeto, sua existência também é assumida porque é validada pela percepção intelectual.

Dessa maneira, Hegel supõe, de maneira bastante ingênua, que eu queria provar a existência, o ser, dessa indiferença pela percepção intelectual, e me censura pela prova inadequada. O fato de eu não querer fazer isso é mostrado pelo protesto que tantas vezes expressei que a filosofia da identidade não é um sistema de existência, e, no que diz respeito à percepção intelectual, o termo em questão não ocorre de forma alguma na apresentação de a filosofia da identidade que é a única e única do período anterior que reconheço como científica.

Esta apresentação é encontrada onde ninguém a procura, ou seja, no *Zeitschrift für spekulative Physik* (Revista de Física Especulativa), vol. II, parte 2.

Em outros lugares isso de fato ocorre e é parte do legado de Fichte. Fichte, com quem eu não queria romper completamente, chega através dele em sua consciência imediata, o "eu"; a partir disso, fui mais longe e assim cheguei à indiferença. Como na percepção intelectual o "eu" não é mais considerado subjetivo, ele entra na esfera do pensamento e, assim, sua existência não é mais imediatamente certa.

Assim, a percepção intelectual nem sequer provaria a existência do "eu" e, embora Fichte a use para esse propósito, não posso me basear nela para provar a existência do absoluto. Assim, Hegel não podia censurar-me pela inadequação de uma prova que eu nunca desejava fornecer, mas apenas por não ter declarado explicitamente o suficiente que eu não estava preocupado com a existência. Pois se Hegel exige a prova do ser do poder infinito, ele vai além da razão; se o poder infinito existir, a filosofia não estaria livre de ser, e devemos aqui perguntar se algo antes da existência pode ser pensado.

Hegel nega, pois ele começa a lógica de ser e procede diretamente a um sistema existencial. Mas nós afirmamos isto, começando com o poder puro de ser como existindo apenas no pensamento. Hegel, que tão freqüentemente fala de imanência, no entanto, é imanente apenas naquilo que não é imanente no pensamento, pois o ser é esse não-imanente.

Recuar para o pensamento puro significa, em particular, recuar de um ser fora do pensamento. A alegação de Hegel de que a existência do absoluto é provada pela lógica tem a desvantagem adicional de que desse modo se tem o infinito duas vezes, no final da lógica e novamente no final de todo o processo. Em geral, não se pode conceber por que a lógica é colocada em primeiro lugar na Enciclopédia (Enciclopédia das Ciências Filosóficas de Hegel), em vez de permear e animar todo o ciclo.